

## A EUROPA AMEAÇADA

por Mário Soares

Tenho vindo a escrever, nesta coluna, sobre a situação da União Europeia, que vai de mal a pior. Basto uma palavra em favor do euro, do Presidente do Banco Central Europeu, para que os mercados - essa entidade sem rosto - moderassem os seus ataques gananciosos, nomeadamente contra Portugal e Espanha. Mas a seguir a Chanceler Merkel voltou a insistir na necessidade de sucessivos cortes, com vista à redução dos déficits e dos endividamentos públicos e privados dos Estados da zona euro - os outros onze Estados parece não contarem - para que os mercados voltassem ao ataque.

Num encontro bilateral que houve depois - entre a Chanceler alemã e Sarkozy - em que os dois Estados parece terem-se entendido, a Alemanha arrastou a França, para que a proposta sensata do primeiro-ministro do Luxemburgo, Jean-Claude Juncker, um europeísta convicto, que agradava à maioria dos Estados-membros da União, tivesse desaparecido ou pelo menos fosse retirada da agenda. Em que consistia? Em que a União Europeia criasse euro-bonds (obrigações), num fundo a que os países em dificuldades pudessem recorrer.

A Europa vai de mal a pior, como afirmaram, sem papas na língua, Helmut Schmidt e Jacques Delors em duas inteligentes e bem informadas entrevistas publicadas, em simultâneo, no Le Monde, de 8 de Dezembro último. Na verdade, um lucidíssimo ex-Chanceler da Alemanha, Helmut Schmidt, não poupou críticas à sua compatriota Angela Merkel, tendo denunciado a sua falta de visão europeia; nem o reputado ex-Presidente da Comissão, o francês, Jacques Delors, deixou de advertir "que a política deve ser a última referência". Por isso, deplorou que "os banqueiros façam tremer os Governos da zona euro", como tem vindo a acontecer, sem reacção da União.

Está o euro, a segunda moeda de reserva mundial, em risco de se afundar?

Apesar de tudo, é impensável pensá-lo. Porque traria o caos à União Europeia que, muito provavelmente, se desintegraria. Uma catástrofe para todos os Estados europeus, da zona euro e mesmo para os outros, para o Ocidente e para o resto do Mundo.

A Chanceler Merkel, que demorou dois meses a perceber a gravidade do que se passava na Grécia, vai ser obrigada, de novo, a flexibilizar a sua concepção monetarista relativamente ao euro. É o simples bom senso que a aconselha. Porque a Alemanha, apesar da sua força financeira e económica - graças ao volume das suas exportações - não pode ter a pretensão de comandar a Europa, pelo seu passado de responsável por duas hecatombes mundiais e pelo que deve à solidariedade europeia, que tanto a ajudou na fase difícil da reunificação alemã.

Se Portugal e, depois, a Espanha, viessem a ser atacados, ao ponto de serem obrigados a sair da moeda única, logo depois seria atingida a Itália, país fundador do mercado único, e, porventura, a França. Seria uma desgraça também para a Alemanha, tanto maior quanto mais rica...

Insisto. A União Europeia tem de mudar de paradigma de desenvolvimento. A grande opinião europeia tem de pressionar os líderes europeus do momento, que não querem assumir a situação em que se encontram e os riscos em que incorrem. Entre eles o desespero das populações, que as conduz a actos de violência, que podem a vir a tornar-se muito graves, como os que houve na Grécia, em França e agora no Reino Unido... A União Europeia precisa de avançar no seu projecto político de paz e de bem-estar social para as populações, lutando contra o desemprego, a pobreza e pela integração multicultural dos imigrantes, que nos enriquecem. Se assim não acontecer e o conservadorismo neo-liberal obsoleto continuar a dominar os Estados europeus e as suas tristes instituições - entraremos numa decadência inevitável, como escreveu Felipe Gonzalez no seu Relatório de Sábios.

## O Prémio Nobel e a cadeira vazia

Foi uma jogada perigosa para a China, ter proibido o prémio Nobel da paz, Liu Xiaobo, o dissidente do regime totalitário chinês de sair do cárcere, onde se encontra, por delito de mera opinião, nem qualquer dos seus familiares de se deslocarem a Oslo para receber o valioso prémio.

Note-se que Liu Xiaobo é um pacifista, que repudia qualquer forma de violência, e só luta pela liberdade, como um direito humano inalienável, inscrito na Carta das Nações Unidas, aprovada em 10 de Dezembro de 1948, há sessenta e dois anos e subscrita, naturalmente, pela China. Como é possível

que a China que aspira jogar um papel de primeira importância no Mundo complexo de hoje, a que aliás, como grande potência emergente, tem pleno direito, tenha podido cometer um tal erro, que tanto a diminui aos olhos do Mundo.

Como é possível que tenha criado expressamente um prémio Confúcio da Paz - atribuído a um líder taiwanês, que favorece a aproximação com a China - para poder competir, neste preciso momento, com o prémio norueguês, internacionalmente consagrado? Chega a parecer ridículo, se não fosse muito pior do que isso: uma clara manifestação de debilidade do regime de partido único, que a grande e poderosa China continua a ter.

Os dirigentes chineses não compreendem, infelizmente, que com o seu comportamento relativamente ao caso de Liu Xiaobo, se enfraquecem e, ao mesmo tempo, lhe estão a dar uma imensa importância mundial, que lembra os casos de má memória de Pasternak, de Sakharov e de Soljenitsin, ocorridos na grande Rússia, quando era apenas URSS...

Nesse aspecto, todas as ditaduras se confundem e, quaisquer que sejam os seus méritos transitórios, são sempre ditaduras abomináveis. A cadeira vazia do prémio Nobel estava ali, simbolicamente, na cerimónia de Oslo, tão concorrida e televisionada, vista por milhões de telespectadores do mundo global em que vivemos, para o comprovar. Depois do êxito da Exposição Internacional de Xangai, que tanto impressionou a opinião pública de todos os Continentes, um simples cidadão, com a inteligência e a coragem de Liu Xiaobo, lembra, irresistivelmente, aquele chinês anónimo, mas que ficou na nossa memória colectiva, que em Tiananmen, diante dos tanques, sem uma arma, os fez parar...

#### Cancún não foi um fracasso

Ao contrário do que se esperava, a Conferência que se realizou em Cancún, no México, não foi um fracasso, como Copenhaga. As negociações vão continuar para se chegar a um acordo pós-Quito. Reconheceu-se ser necessário reduzir as emissões de gases com efeitos de estufa. Criou-se um fundo - oxalá se efective - para financiar os países em desenvolvimento e lhes facilitar o acesso às tecnologias limpas. Aprovou-se, ao que parece, um pacto não vinculativo para os países mais poluidores, como a América e a China, que foram os mesmos a impedir que Copenhaga fosse um êxito.

O clima que se verificou, em Cancún, dado o talento diplomático com que a ministra dos Negócios Estrangeiros do México, Patrícia Espinosa, conduziu os trabalhos - e o bom ambiente criado - foi reconhecido por todos os participantes. A ministra portuguesa do Ambiente, Dulce Pássaro, também louvou o trabalho realizado em Cancún, apesar das reticências americanas e chinesas. Veremos como esta magna questão do aquecimento global, que interessa a toda a Humanidade, como um caso de sobrevivência global, pode vir a evoluir. Da Conferência de Cancún saiu, pelo menos um certo optimismo, sendo que os países emergentes deram um grande contributo para que Cancún não se revelasse um novo desastre. O que já não é mau, nos tempos difíceis que vivemos.

#### Uma morte inesperada

Faleceu subitamente um grande - e muito estimado - empresário do norte, presidente da Agros, a União das Cooperativas Produtoras de Leite de entre Douro e Minho, Fernando Mendonça. Era um cooperativista a sério, que realizou uma obra notável, em favor de milhares de pequenos produtores de leite, tendo conseguido agrupá-los na Cooperativa que sempre funcionou por forma excelente.

Conheci-o relativamente bem, porque sempre o encontrei nas sucessivas campanhas eleitorais socialistas em que participei. Não sei se pertencia ou não ao PS. Era um convicto cooperativista, acreditava no ideal cooperativo, a sério, de que António Sérgio e Henrique de Barros foram arautos. Era um idealista e um homem bom, que queria o bem dos seus compatriotas. Tinha por mim uma manifesta simpatia, que era retribuída. Era uma figura muito considerada e respeitada pelas populações entre Douro e Minho.

A última vez que o vi e com ele falei, algum tempo, foi quando me fizeram uma homenagem, em Arcos de Valdevez. Conversei então bastante com ele. Gostei de o ouvir discorrer sobre a sua experiência cooperativa. Estava em plena forma. Um homem alto, de forte estatura, feito por si mesmo, no trabalho de todos os dias. A sua morte súbita, entristeceu-me. Representa uma grande perda para a Região.

Lisboa, 14 de Dezembro de 2010